

METÁFORAS E CONCEPTUALIZAÇÕES NO LÉXICO DE FALANTES DA VARIEDADE SOCIODIALETAL PESSOENSE

Estêvão Soares de Oliveira*
Thalita Maria Lucindo Aureliano**
Mábia Nunes Toscano***
Jan Edson Rodrigues Leite****

Resumo: Este trabalho se propõe a apresentar uma análise sociocognitiva da variedade linguística do Português Brasileiro utilizada por falantes da região de João Pessoa (PB), a partir de uma pesquisa que teve como objeto de estudo descrever as ocorrências de metáforas conceituais no *corpus* do Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB, a fim de esclarecer como certas expressões linguísticas dessa variedade sociodialetoal instanciam os domínios cognitivos mobilizados nas extensões de significados compreendidos pelos falantes. A análise dessas ocorrências está fundamentada na proposta metodológica da Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF e JOHNSON, 1999), segundo a qual, o analista descreve as expressões linguísticas apresentadas pelos informantes em termos da atualização que elas fazem dos domínios fonte e alvo utilizados no mapeamento metafórico. Analisamos a produção e compreensão de expressões que licenciam quatro metáforas conceituais (CASAMENTO É GUERRA, BOM É PRA CIMA, MENTE É RECIPIENTE, DESEJAR É TER FOME) feitas por indivíduos de duas faixas etárias diferentes (15 a 25 anos; mais de 50 anos), de ambos os sexos e

*
**

Universidade
Federal da
Paraíba



com diferentes níveis de escolarização. A comparação entre essas variáveis tem como objetivo descrever a estrutura conceitual utilizada na produção e compreensão de metáforas pelos falantes que apresentam estrato sociolinguístico diversificado.

Palavras-chave: metáfora primária, cognição, compreensão e produção.

Introdução:

Não obstante a investigação sobre a natureza conceitual da metáfora ser anterior aos postulados da Linguística Cognitiva (REDDY, 1979; BUEHLER, 1934), doravante LC, foi após a divulgação dos trabalhos de Lakoff e Johnson (1980) que a visão da metáfora como um recurso literário, para efeito estético de uma obra, passou a ser posta em discussão.

Os autores argumentaram que a metáfora é um processo cognitivo, inconsciente e cotidiano na linguagem, que permite entender um domínio informacional no lugar de outro, automaticamente. Os domínios postulados são áreas da experiência humana e são do tipo: *fonte* e *alvo*. O domínio *alvo* contém a estrutura a ser conceitualizada metaforicamente e

corresponde ao que é 'abstrato' na metáfora, em contraposição aos elementos que correspondem a nossa experiência física (sensório-motriz) e social, os quais estão estruturados no *domínio fonte*, mais concreto. As correspondências conceituais estabelecidas entre as estruturas desses domínios são chamadas de *mapeamento*.

Para exemplificar, tomaremos a sentença: "Gastei meu tempo com você". Ao utilizá-la, estamos empregando uma expressão metafórica, que licencia a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO. O domínio alvo é tempo (abstrato), que será mapeado através de várias correspondências conceituais na noção de dinheiro, a qual corresponde ao domínio fonte (concreto). Uma





dessas correspondências licencia a expressão linguística acima.

Propomos então, no presente artigo, a análise da estrutura das metáforas conceituais assim como inicialmente postulada por Lakoff e Johnson (1980), e aprimorada na Teoria Integrada da Metáfora Primária e da metáfora complexa a fim de elucidarmos a estruturação da metáfora enquanto um tipo de integração conceitual, que utiliza como domínios da conceptualização aspectos da realidade sociolinguística do falante, notadamente aqueles que dizem respeito ao contexto da situação comunicativa. Conquanto o sistema conceitual tenha características “universais”, questionamo-nos se os indivíduos que se localizam em estratos sociolinguísticos diferentes, como idade e nível de escolaridade, apresentam diferenças significativas na estrutura conceptual utilizada na produção e compreensão de significados por extensão metafórica, exatamente em função dos aspectos socioculturais mobilizados como domínios para o processo de conceptualização.

Pano de fundo cognitivo nos estudos da linguagem

A teoria linguística conhecida como Linguística Cognitiva surge com vigor na década de 1980, a partir da

publicação de duas obras importantes: *Women, fire and dangerous things* (LAKOFF, 1987) e *Cognitive Grammar: theoretical prerequisites* (LANGACKER, 1987). A Linguística Cognitiva busca respostas a questões relativas ao desenvolvimento e manipulação do conhecimento, por herança da Psicologia Cognitiva, mas também como o sistema linguístico interage e responde às estruturas conceituais entrincheiradas na cognição humana.

Gibbs (1996) diz que essa teoria linguística “[...] busca conhecer ativamente as correspondências entre o pensamento conceitual, a experiência corpórea e a estrutura linguística na intenção de descobrir os verdadeiros conteúdos da cognição humana”. Assim, podemos dizer que a linguística cognitiva procura entender a estreita relação entre a cognição e a linguagem e prover modelos capazes de captar essa inter-relação.

Sobre a relação entre linguagem e pensamento, a LC afirma que a linguagem, longe de ser uma faculdade inata e autônoma em relação aos demais sistemas cognitivos, conforme o posicionamento objetivista, trata das manifestações cognitivas no homem e, como tal, baseia-se na experiência do indivíduo com o mundo.



Segundo a Linguística Cognitiva, as formas linguísticas são emergências que se fundam a partir de conceitos pré-linguísticos. Supostamente, na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem que formam a base de determinadas formas linguísticas, sua estrutura conceitual. Percebemos, assim, que essas formas são emergentes de representações e estão em ações situadas, ou seja, no mundo, na realidade.

Enquadre teórico: a Metáfora Conceptual

Este artigo tem como intuito apresentar algumas considerações sobre a metáfora. Para isso, abordaremos sua visão conceptualista, pautada na visão dos autores Lakoff e Johnson (2002, [1980]).

Em 1980, com o livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, a metáfora surge sob uma nova perspectiva: ela é conceitual, ou seja, fornece o conceito de algo e tem grande influência em boa parte do pensamento e raciocínio humanos.

A Teoria da Metáfora Conceitual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), gera uma ruptura nos estudos tradicionais das metáforas que, desde Aristóteles, concebiam-na como ornamento linguístico. Essa teoria atribui às metáforas um valor cognitivo, colocando-as na vida cotidiana e demonstrando que elas orientam nossa forma de pensar e agir no mundo.

As metáforas são mapeamentos entre domínios conceituais: do domínio *fonte* para o domínio *alvo*. Essas correspondências geradas entre um domínio fonte (mais concreto) e um domínio alvo (mais abstrato) fazem com que levemos o nosso conhecimento de um domínio para o outro, corroborando algumas relações inerentes entre a estrutura e o funcionamento do corpo humano e o modo como as pessoas conceituam sua experiência no mundo.

Para exemplificar todas as questões abordadas, utilizaremos expressões metafóricas, retiradas do *corpus* analisado. Essas expressões são manifestações linguísticas da metáfora conceitual.

“(Entrevistador)* *O que a senhora sentiu quando soube que estava diabética?*

(Informante)* *Ah, eu [sen] eu sequei. Butei para secar perder peso”*

Informante IMS, feminino, mais de 50 anos.





Essa expressão se estrutura com base na metáfora conceitual: CORPO É UM RECIPIENTE, sendo recipiente o domínio *fonte*, pois é mais concreto, e corpo é a estrutura a ser mapeada e mais abstrata, é o *alvo*. É o *alvo* que será explicado e experienciado como o balão, pois atribuímos, cognitivamente, a possibilidade de encher e secar ou esvaziar o corpo.

Na teoria da metáfora conceitual, os resultados das relações entre os domínios são concebidos através da união de alguns aspectos da *fonte* e do *alvo*, que, após serem mapeados, geram a metáfora conceitual.

Em seguida, citaremos as importantes divisões das metáforas conceituais que Lakoff e Johnson (1980) explicitaram, são elas: orientacionais, ontológicas e estruturais.

Metáforas Orientacionais

As metáforas orientacionais são aquelas que estruturam conceitos a partir de outros, os quais recuperam noções espaciais. Esse é o caso das seguintes metáforas: RUIM É PRA BAIXO, BOM É PRA CIMA, observadas de acordo com as seguintes expressões metafóricas retiradas do *corpus*:

“Bom, primeøro eu ia tentáø aumentáø o grau de cultura do brasileøro, né? O grau de cultura do brasileøro é baixo.” – Informante GSN, masculino, 15-25 anos.

No caso do exemplo acima, o fato de aumentar o grau de cultura do brasileiro significa algo positivo, bom, correspondendo à metáfora que o que é “bom é pra cima”. Em seguida, o informante relata que “o grau de cultura do brasileiro é baixo”, o que seria negativo, ruim, condizente com a metáfora “ruim é pra baixo”.

Quando algo é tido como ruim, sempre é colocado abaixo de tudo. No entanto, quando é considerado bom, sempre é posto acima. Como pode ser visto no exemplo abaixo em que a informante feminina se refere ao corpo.

“[...]final do meys a gente vai faze0 + a mesma coisa agora, pra cai0 may0h não, pra subi0[...].” Informante MLT, feminino, de 15-25 anos.



Metáforas Ontológicas

Como postula Lakoff e Johnson (1980), as metáforas ontológicas “implicam em projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente”. Aqui, ‘entidades’ refere-se tanto a coisas como a seres, constituindo-se a PERSONIFICAÇÃO uma metáfora ontológica. A metáfora EMOÇÕES SÃO PESSOAS é um exemplo de como utilizamos as

propriedades de um conceito relativo aos traços de uma pessoa (suas ações), para entendermos outro conceito, mais difuso, como é o caso do ciúme: “O ciúme começou a perturbar o casal”.

A metonímia LIVRO É UMA PESSOA também é um caso de PERSONIFICAÇÃO. Como pode ser vista na fala da informante CP abaixo, o livro de Ciências pratica ação da fala que é realizada apenas por uma pessoa, caracterizando a personificação.

“Eu gostava muito de Ciências porque eu acho que as ciências as ciências biológicas, falava muito na na é no no no organismo, na pessoa e eu gostava muito, nisso” –Informante CP, feminino, mais de 50 anos.

Metáforas estruturais

As metáforas estruturais “[...] nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar outro conceito” (Lakoff e Johnson, 1980). TEMPO É DINHEIRO. Esta metáfora conceptual é de cunho estrutural, em que um domínio conceptual alvo (tempo) é estruturado com base no domínio

conceptual fonte (dinheiro). Nesse caso, temos as projeções de elementos constituintes de um conceito no domínio fonte para os elementos constituintes de outro conceito no domínio alvo. Recorremos a um conceito para falar de outro, pois usamos o campo semântico dinheiro para falar sobre tempo. Podemos encontrar evidências para essas metáforas nas seguintes expressões linguísticas:

“num num <fa> faria isso pãá perdêø tempo” –
Informante GHSS, masculino, 15-25 anos.

Nas expressões linguísticas acima, observamos que o verbo “perder” nos remete ao domínio de origem

dinheiro e está sendo utilizado para explicar relações referentes ao domínio-alvo TEMPO. Tempo em nossa cultura é





um bem valioso. É um recurso limitado que usamos para alcançar nossos objetivos.

Teoria Integrada da Metáfora Primária

Uma importante visão sobre as metáforas conceituais é chamada de Metáfora Primária e é fundamentada em correlação de experiência. Lakoff e Johnson (1980) já elencavam algumas expressões metafóricas que não eram ocasionadas por semelhanças de domínios e, sim, por motivações experienciais. Essa teoria foi baseada em quatro linhas de investigação, apresentadas sucintamente abaixo e recolocadas posteriormente. As linhas de investigação são de alguns teóricos como: Christopher Johnson (*Teoria da Fusão*), Joe Grady (*Teoria da Metáfora Primária*), Sriniv Narayanan (*Teoria Neural da Metáfora*) e Mark Turner & Gilles Fauconnier (*Teoria de Mesclagem Conceitual*).

A teoria da Fusão de Christopher Johnson diz respeito ao processo de aprendizagem, ocorrendo desde a infância quando as experiências não sensório-motoras e os julgamentos são fundidos com experiências sensório-motoras. Como: AFEIÇÃO – CALOR : que a experiência da afeição é fundida com a do calor do abraço. Apesar das associações persistirem, em um

momento posterior, acontece a diferenciação entre os dois domínios.

Já a teoria da Metáfora Primária de Grady propõe que as metáforas complexas são constituídas da integração de partes das metáforas primárias. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), acontece da seguinte forma: cada metáfora tem estruturas mínimas originadas naturalmente e inconscientemente no cotidiano, quando há associação entre os domínios. As metáforas complexas, desse modo, são formadas de metáforas simples via mesclagem conceitual.

A teoria Neural da Metáfora de Narayanan postula que tudo que nós realizamos é controlado pelo nosso cérebro e, se nós pensamos com ele, o pensamento é algo físico. As ideias e os conceitos que usamos para pensar são fisicamente “computados” por estruturas cerebrais. E tudo que sabemos, sabemos graças ao nosso cérebro. Assim, o estudo desse órgão torna-se relevante para se entender as metáforas.

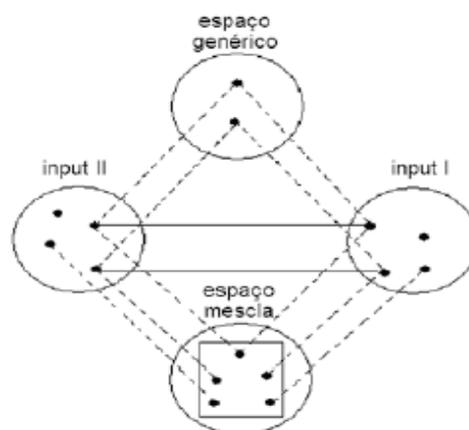
Por fim, a teoria da Mesclagem Conceitual abre-nos uma nova maneira de estudar grande parte dos dados linguísticos analisados pela teoria da metáfora conceitual. A mesclagem conceitual (*Blending*) é uma operação mental que estabelece projeção parcial entre espaços iniciais (*Input 1 e Input 2*),





o que na metáfora seria o domínio *fonte* e *alvo*, permitindo a correspondência com espaços equivalentes. Essa correspondência acontece via *espaço genérico*, representando a estrutura abstrata que os *inputs* 1e 2 têm em comum, sendo as metáforas conceituais.

O espaço *mescla* tem os elementos projetados pelos *inputs*, formando uma estrutura emergente que não existia nos espaços iniciais, ou seja, as expressões metafóricas. De uma forma genérica, o esquema abaixo mostra como acontece a mesclagem:



Esquema 1: Esquema de mesclagem conceitual
(Adaptado de Fauconnier, 1994).

Para exemplificar algumas características dessas teorias, faremos uma pequena análise da metáfora primária: DESEJAR É TER FOME. Essa metáfora nasce da cena na qual experienciamos as sensações físicas de fome e o desejo simultâneo de comida que sabemos que irá nos satisfazer.

Sob a Teoria Integrada da Metáfora Primária: *Conflation* é relativo ao processo de aprendizagem, ocorrendo desde a infância, quando as experiências sensório-motoras são fundidas com as não perceptuais,

provocando reações corpóreas como: *água na boca*. Já Narayanan (1997), na Teoria Neural, propõe que as *conflations* são ativações neurais.

Lakoff (1999) associa os resultados de Narayanan e Johnson e formula a hipótese de que: em situações onde os domínios fonte e alvo são ativados simultaneamente, as duas áreas do cérebro que correspondem a esses domínios serão ambas também ativadas. Ele afirma que os neurônios que se acendem juntos, ligam-se juntos, com isso, ele quer dizer que os





mapeamentos entre os circuitos neurais que ligam os domínios são aprendidos pelas crianças. Tais circuitos correspondem às metáforas.

Metodologia

Para a análise, serão empregadas a Teoria da Metáfora, de Lakoff e Johnson (1980), e a Teoria Integrada da Metáfora primária vinculada com a Teoria da Mesclagem Conceitual de Fauconnier e Turner (2002).

Utilizaremos como *corpus* de análise os dados armazenados sobre o falar pessoense, constantes do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba – VALPB (HORA; PEDROSA, 2001). Este banco de dados contém uma amostragem do português falado na Paraíba, colhida através de entrevistas com 60 informantes, dentro da metodologia variacionista da sociolinguística. Esses informantes estão agrupados sob as variáveis: sexo (30 informantes masculinos e 30 femininos); faixa etária (20 informantes entre 15 e 25 anos; 20 informantes entre 26 e 49 anos; 20 informantes com mais de 50 anos) e anos de escolarização (12 informantes com 0 ano de escolarização; 12 informantes com 1 a 4 anos de escolarização; 12 informantes com 9 a 11 anos de escolarização; e 12

informantes com mais de 11 anos de escolarização).

Com o objetivo de mostrar se os falantes fazem as conceptualizações da mesma maneira, independente da idade que têm, foi selecionado nesse *corpus* um conjunto representativo de dados fornecidos por informantes falantes da variedade pessoense, agrupados conforme a variável 'idade'. Assim, foram utilizados 8 informantes: 4 da faixa etária de 15 a 25 anos, sendo 2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino, e mais 4 da faixa etária com mais de 50 anos, com a mesma distribuição por gênero.

Essa análise será efetuada através das metáforas: CASAMENTO É GUERRA, BOM É PARA CIMA, MENTE É RECIPIENTE e DESEJO É FOME. Sendo assim, estruturaremos esta análise da seguinte forma:

a) estabeleceremos o tipo de mapeamento metafórico e/ou o esquema de imagens associado a ocorrência linguística destacada;

b) no segundo momento, verificaremos se as categorias propostas pela Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP), a saber *conflation* e diferenciação, estão acionadas no mapeamento metafórico licenciado pela expressão linguística em análise;



c) em seguida, analisaremos a ocorrência, quando for o caso, das mesclagens conceituais;

influencia no modo como os falantes conceptualizam às metáforas que estão sendo selecionadas para a análise, a saber: CASAMENTO É GUERRA, BOM É PARA CIMA, MENTE É RECIPIENTE e DESEJO É FOME.

Análise do Corpus

Como dito anteriormente, nosso intuito será contrastar os indivíduos que possuem idade entre 15 e 25 anos com aqueles com mais de 50 anos, buscando averiguar se a variável faixa etária

Vejam como tudo isso ocorre nas Metáforas Conceptuais de Lakoff e Johnson (1980).

Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
CASAMENTO É GUERRA	ESTRUTURAL	ASF Masculino Mais de 50 anos	L118 19	<i>Aí justamente, ela faz isso, ela destroi a casa, destroi ao lar, destroi ao lar dos filho, do marido</i>

CASAMENTO É GUERRA	ESTRUTURAL	GS Feminino 15 a 25 anos	L251 5	<i>Num tem esse casal + de hoje que não tenha uma discussão pra lá, né? Brigas, que todos eles tem, né?</i>
--------------------	------------	--------------------------	--------	---

Tabela 1 – Quadro representativo da metáfora conceptual estrutural CASAMENTO É GUERRA.

Para Lakoff e Jonhson (1980), “a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra”. A metáfora em questão é classificada

como estrutural, constituindo, como afirmam Lakoff e Jonhson, a base do sistema conceitual humano. Os conceitos mais abstratos são



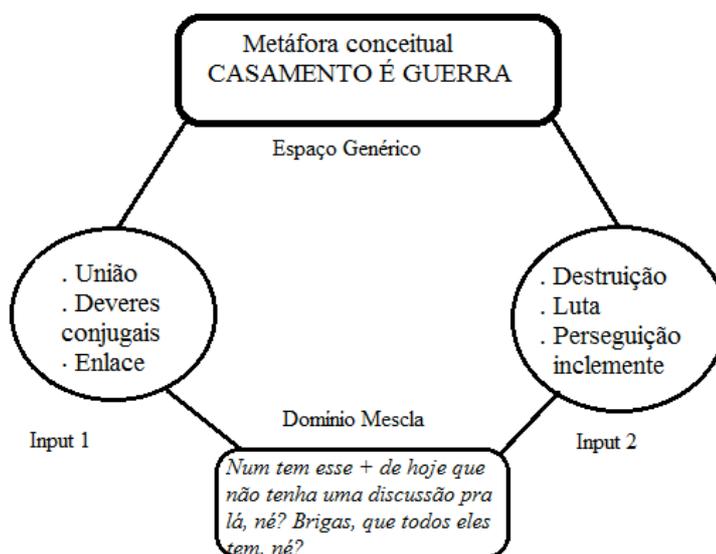


estruturados a partir de conceitos mais concretos. Tomemos como exemplo expressão apresentada anteriormente: “*Aí justamente, ela faiz isso, ela destroi a casa, destroi ao lar, destroi ao lar dos filho, do marido.*” – essa expressão se estrutura com base na metáfora conceitual: CASAMENTO É GUERRA. Casamento e guerra são coisas distintas. No entanto, podemos experienciá-las como similares que quando atribuímos, cognitivamente, a possibilidade de viver uma guerra dentro do casamento.

A utilização de um domínio fonte guerra para entender o domínio alvo

casamento acontece porque o informante ASF entende que existe uma mulher com interesses e objetivos distintos que, assim como numa guerra em que há exércitos inimigos, vai destruindo tudo ao seu redor. E o informante GSN mostra que todo o casamento tem confrontos e esses acontecem por meio de brigas e discussões, vivendo em um clima de guerra.

Realizando uma análise do fragmento do informante GSN e considerando a teoria da mesclagem conceitual, é possível determinar a seguinte relação analógica:



Esquema 2: Mesclagem Conceitual da Metáfora CASAMENTO É GUERRA (Fonte: Os autores)

Os informantes GSN e ASF usam a mesma estrutura conceitual para se referir à ideia de *casamento*, ambos falam de casamento utilizando a noção

de *guerra* com alguém. Essa mesclagem conceitual contém um *input* envolvendo objetos concretos que é ativado pelas noções de *guerra* e outro *input*



envolvendo conceitos abstratos linguística dos dois informantes. O relacionados à noção de casamento. domínio que contém elementos. Existe um espaço genérico no qual concretos projeta-se no domínio com objetos/conceitos podem ser elementos abstratos e há uma relação compartilhados e um espaço mescla que de analogia entre eles. É importante integrar algumas estruturas de cada perceber que na mescla há uma fusão espaço de entrada. entre os elementos parcialmente

Nesse exemplo, o *input* ligado a projetados, não é a soma da ideia de conceitos abstratos fornece o *frame* para casamento mais a de guerra, o que organizar a mescla e o *frame* do espaço ocorre é uma fusão, em que *casamento* que contém objetos concretos não é se torna uma guerra, gerando a metáfora projetado a não ser para explicar a conceitual CASAMENTO É GUERRA. metáfora que se realiza na construção

A metáfora MENTE É RECIPIENTE, acontece da seguinte forma:

Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
MENTE É UM RECIPIENTE	ONTO LÓGICA	HMG Feminino no Mais de 50 anos	L1270 5	E* O que a senhora mais gostava no seu trabalho? I* Ah!, das colegas, né? A gente chegava lá, o ambiente:: influi muito, a gente tira muitas coisa da cabeça::,
MENTE É UM RECIPIENTE	ONTO LÓGICA	JAS Feminino no 15 a 25 anos	L2140	eu fiquei com essa música guardada pra sempre na minha cabeça

Tabela 2 – Quadro representativo da metáfora conceptual ontológica MENTE É RECIPIENTE.

As metáforas ontológicas emergem substâncias físicas e implicam projetar de nossa experiência com objetos e características de entidade ou substância



sobre algo que não tem essas características de maneira inerente, como bem dissemos anteriormente.

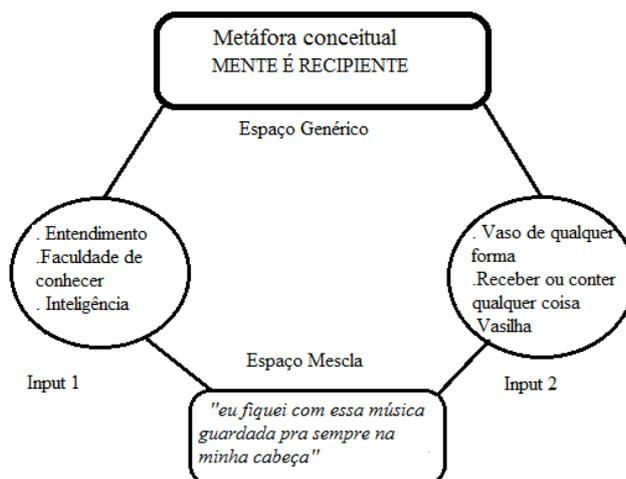
Para Lakoff e Johnson (1980), metáfora é entendida como um mapeamento, ou seja, comparações. Essas comparações são representadas, como já foi dito, por um domínio alvo (mais concreto) e por um domínio fonte (mais abstrato). Esses autores afirmam a existência de metáforas básicas, que seriam universais, a exemplo de MENTE É UM RECIPIENTE.

As metáforas de recipientes originam-se na experiência que temos do nosso corpo funcionar como um recipiente, ou seja, ocupamos um lugar limitado no espaço. O resultado é um esquema abstrato de um recipiente, representado abaixo por uma imagem muito simples, em

que existe uma entidade dentro de um lugar limitado e associado a algumas regras que decorrem da nossa experiência sobre o mundo.

É possível notar também que, a partir do contexto de produção do enunciado de HMG, os *objetos* que fazem parte dessa metáfora e que podem ser colocados no recipiente *mente* podem ser *problemas, trabalhos, ideias*. Desse modo, a informante representa esses objetos abstratos como itens que são colocados e retirados de um recipiente, que, aqui, é a mente.

Realizando uma análise do fragmento do informante JAS, levando em conta a teoria da mesclagem conceitual, é possível determinar a seguinte relação analógica:



Esquema 3: Mesclagem Conceitual da Metáfora MENTE É RECIPIENTE (Fonte: Os autores).

No esquema 3, o espaço-*input* (1) frame de mente. O espaço-*input* (2) é composto de elementos relativos ao composto de elementos relativos ao



frame de recipiente. O espaço genérico configurado com a compreensão de mente em termos de recipiente que nos remete à metáfora conceptual MENTE É RECIPIENTE.

O espaço mescla é resultado da projeção das partes dos dois *inputs*. E são as estruturas dos *inputs* que contribuem para a formação do espaço mescla.

Um aspecto importante dos estudos de Lakoff & Johnson (1980) sobre a metáfora é a hipótese de que várias áreas da experiência são metaforicamente estruturadas por um pequeno número de esquemas imagéticos, dentre eles, a orientação CIMA/BAIXO/PARA FRENTE/PARA TRÁS, etc. Vejamos o exemplo:

Metáfora conceptual	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
BOM É PARA CIMA	ORIENTACIONAL	MLT Feminino 15 a 25 anos	L299 4	<i>final do meus a gente vai fazer + a mesma coisa agora, pra cair amanhã não, pra subir</i>
BOM É PRA CIMA	ORIENTACIONAL	RCR A Feminino Mais de 50 anos	L164 72	<i>eu fui aposentada no último grau num tinha mais pra onde ir::, o meu nível chegou ao último nível e a remuneração não condiz.</i>

Tabela 3 – Quadro representativo da metáfora conceptual orientacional BOM É PARA CIMA.

Um esquema imagético pode ser utilizado para estruturar metaforicamente vários domínios abstratos. No caso do falante MLT, o esquema imagético CIMA – BAIXO é convencionalmente utilizado e aplica-se metaforicamente a noções

tais como às quantidades abstratas (MAIS ESTÁ EM CIMA/MENOS ESTÁ EM BAIXO: os preços subiram/baixaram); à hierarquia social (classe baixa/alta, ascensão social); aos estados mentais, como, por exemplo, a



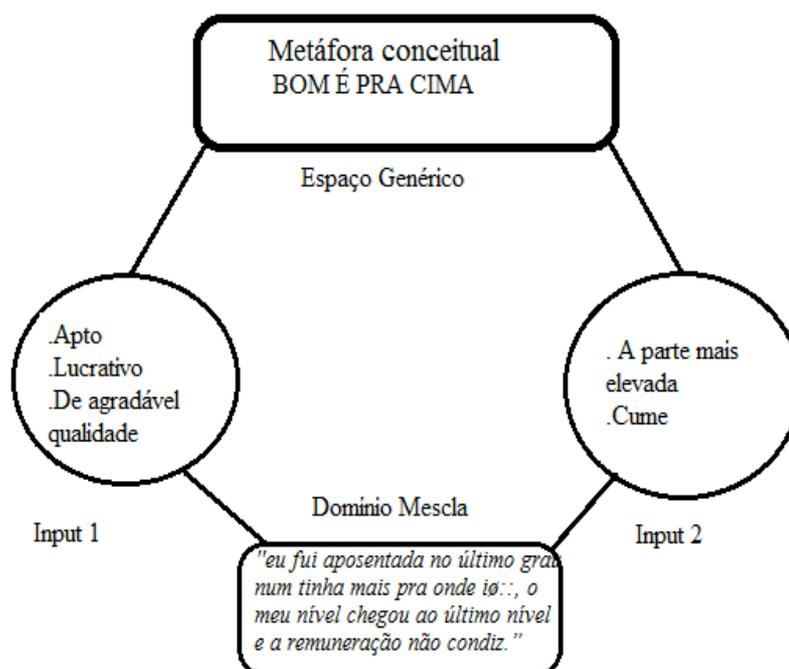


felicidade e a tristeza (Sinto-me para baixo/Estou nas nuvens). A partir dos exemplos acima referidos e com base no recorte feito do *corpus*, podemos concluir que os esquemas imagéticos revelam nossa capacidade de atribuir valor positivo ao ponto de orientação alto, ao passo que o ponto de orientação baixo é considerado negativo.

As orientações espaciais, portanto, decorrem das características dos corpos que temos e da forma como eles funcionam no ambiente físico que

nos envolve. Desse modo, para Lakoff e Johnson ([1980), as metáforas orientacionais conferem a um conceito uma orientação espacial. Exemplo disso pode ser observado na fala de MLT, indicando que, com base no contexto de economia evidenciado, o informante afirma que deseja um resultado positivo – “pra subi0” –, e não um negativo – “pra cai0 may0h não”.

No processo de mesclagem, a metáfora representada pela informante RCRA funcionaria da seguinte forma:



Esquema 4: Mesclagem Conceptual da Metáfora BOM É PRA CIMA (Fonte: Os autores).

No esquema 4, o espaço-*input* (1) composto de elementos relativos ao frame de cima. O espaço genérico frame de bom. O espaço-*input* (2) configurado com a compreensão de



mente em termos de recipiente e nos remete à metáfora conceptual BOM É PRA CIMA.

O espaço mescla corresponde à fala da informante RCRA, que é o resultado da projeção das partes dos dois *inputs* ligados que nos leva ao domínio-

mescla apresentado. São as estruturas dos *inputs* que contribuem para a formação do espaço mescla.

Agora, passaremos ao segundo momento desta análise, onde voltaremos nossa atenção para a Teoria Integrada da Metáfora Primária (TIMP).

Metáfora cor	Tipologia	Informante	Localização	Fragmento
DESEJAR FOME	PRIMÁRIA	VLB Masculino 15 a 25 anos	L3545	<i>Essa vizinha aqui do lado Vivi na vontade de ter um passo aqui na frente de ca fica cum água na boca olh carro. Chega fica cum von</i>
DESEJAR FOME	PRIMÁRIA	WL Masculino Ma anos	L15651	<i>Lá no trabalho tem um co que0 ta desesperado pra o seto0 no meu luga0 apetite dele é grande continua0 lá se Deus qu Trabalha0 lá é muito bom.</i>

Tabela 4 – Quadro representativo da metáfora primária DESEJAR É TER FOME.

Ficar “com água na boca, com vontade, com a barriga doendo, com sentimento bom/ruim, desejo, desesperado” são alguns dos termos utilizados acima pelos informantes durante a entrevista aos quais oferecemos destaque.

Com os dados colhidos, podemos dizer que a base da metáfora é a *cena primária*, ou seja, uma representação cognitiva de um tipo de experiência recorrente, que abarca uma estreita correlação entre duas dimensões de experiência (GRADY, 1997). Assim, os domínios fonte e alvo

estão relacionados porque possuem uma estreita correlação entre suas *cenas primárias*.

A experiência – *fome* – é entendida como *desejo* por comida – que é sempre experienciado por quem tem fome. Dessa forma, o mapeamento entre *desejo* e *fome* surge de cenas recorrentes em que são vivenciadas a sensação física de *fome* e o *desejo* simultâneo de comida que vai satisfazê-la. Logo, experienciar a sensação física da *fome* significa também o *desejo* de comer. Pelos dados fornecidos pelos informantes,



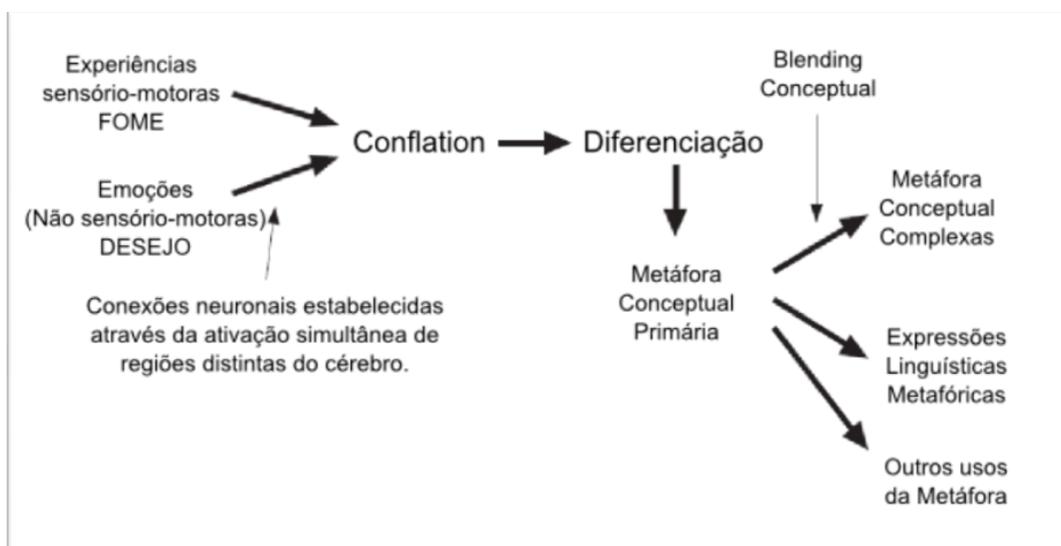


podemos dizer que a *fome* que se fala não é a de comida, e sim *vontade* de ter um carro e de subir de cargo.

Tanto *fome* quanto *desejo* são vontades físicas básicas, porém, é preciso diferenciá-las. Enquanto a *fome* é uma vontade física direta, o *desejo* é uma experiência emocional. Segundo Lakoff e Johnson (1980), mesmo que as experiências emocionais sejam tão básicas quanto às físicas, as emocionais não são bem delineadas em termos daquilo que se percebe no corpo, ou seja, aquilo que é menos claramente delineado (mais abstrato) é conceitualizado em termos do mais

delineado (mais concreto). Por essa razão é que se fala de *desejo* em termos de *fome*.

O *desejo* parece ser inerente à *fome*, isto é, ter *fome* significa ter *desejo* por comida. Por essa razão é que os informantes utilizaram expressões como *água na boca*, *com vontade*, *barriga doendo*, *sentimento bom/ruim*, *desejo*, *desespero* para se referirem às consequências físicas/emocionais decorrentes da *fome* por algo que só será saciado quando se conseguir o que necessita. Vejamos o gráfico abaixo:



Esquema 5: Resumo da Construção Metafórica DESEJAR É TER FOME

(Adaptado: Grady, 1997).

Analisaremos os dados deste tópico sob o ponto de vista da Teoria Integrada da Metáfora Primária

(TIMP), de Lakoff e Johnson (1999).

Segundo ela, a Teoria Geral da Metáfora Primária possui quatro



componentes: Teoria da Fusão (*Conflation*), de Johnson; A Teoria Neural da Metáfora, de Narayanan; a Teoria da Metáfora Primária de Grady; e as Redes de Integração Conceptual, de Fauconnier e Turner.

A Teoria da Fusão ou *Conflation* (ilustrada no gráfico acima), diz respeito ao processo de aprendizagem. A *Conflation* ocorre desde a infância, quando as experiências não sensório-motoras – representadas, no gráfico, pelas emoções e pelo domínio-alvo DESEJO – são fundidos com as experiências sensório-motoras – evidenciadas no gráfico como o domínio-fonte FOME. Por essa razão, a experiência de DESEJO é unida à experiência da FOME, que, por sua vez, provoca inúmeras reações corpóreas. O informante VLB, por exemplo, aponta a sensação corpórea *água na boca* e a emocional *vontade*. Assim, no período da *Conflation*, as associações são automaticamente construídas entre os dois domínios DESEJO-FOME.

Narayanan (1997) propõe, em sua Teoria Neural, que as fusões (*conflations*) são realizadas em um nível neural, onde há ativações neurais simultâneas em áreas distintas do nosso cérebro. De acordo com o esquema 5, as ligações neurais

acontecem no momento da *Conflation*, entre as experiências sensório-motoras (FOME) e as não sensório-motoras (DESEJOS). As regiões do cérebro referentes à FOME e ao DESEJO são ativadas

Do ponto de vista neural, é preciso saber que cada elemento de um *frame* corresponde a um ponto de acesso ou *node*. É possível dizer que os mapeamentos metafóricos não são apenas uma abstração, pelo contrário, são efetivamente circuitos físicos de ligação que, quando ativados, formam ligações dentro de circuitos neurais integrados. Os pontos de acesso são partes de tais circuitos.

Por exemplo, quando o informante VLB apresenta a sentença: “*Essa vizinha aqui do lado mesmo... Vivi na vontade de ter um carro. Eu passo aqui na frente de carro ela já fica cum água na boca olhandu pru carro. Chega fica cum vontade*”, notamos que ele utiliza a palavra *vontade* duas vezes, contudo, no cérebro, os dois usos da palavra são ativados pelo mesmo ponto de acesso. Assim, ao ativarmos uma metáfora, ativamos também um circuito cerebral muito complexo, o que indica um sistema neural metafórico fortemente integrado.

Numa etapa posterior à *Conflation*, ocorre a *Diferenciação*. É aí

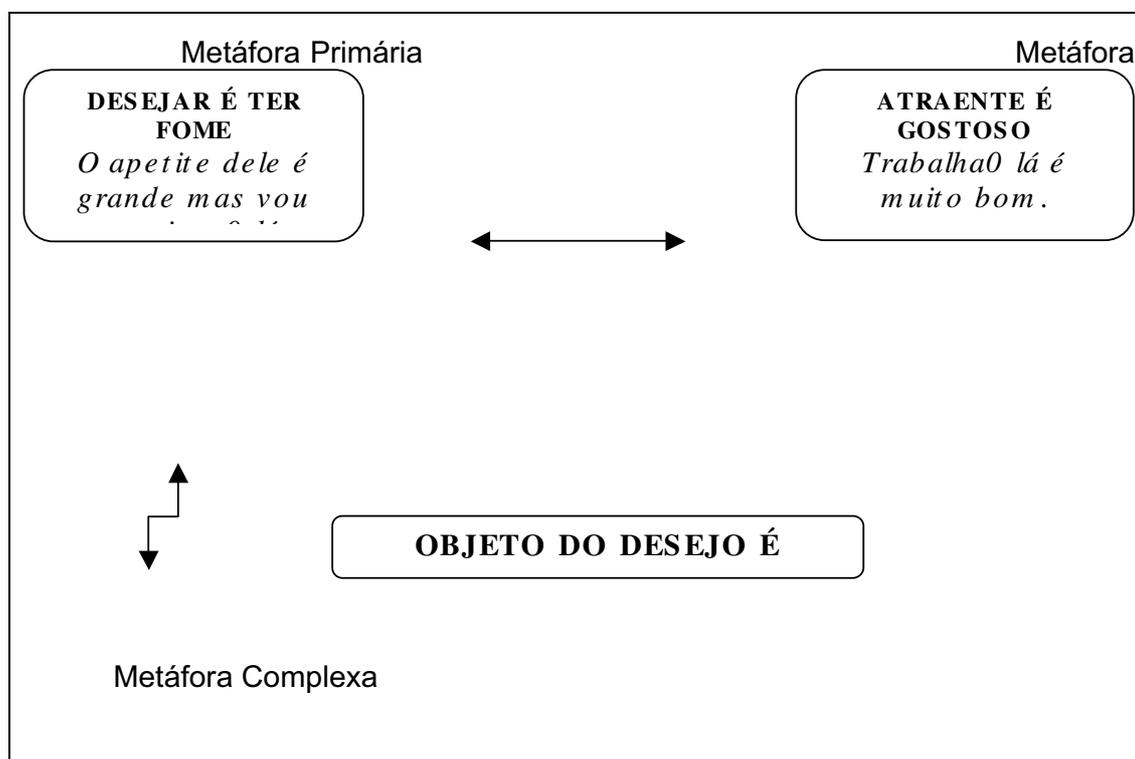




que as crianças estão aptas a realizar a separação entre os dois domínios (alvo e fonte), embora as associações continuem. Tais agregações são mapeamentos de metáforas conceituais.

A *Teoria da Metáfora Primária* afirma que existem metáforas complexas que são formadas a partir da integração de metáforas “menores”,

mais simples: as metáforas primárias. Assim, as metáforas complexas são resultado da mesclagem conceptual entre metáforas primárias. Por exemplo, as metáforas primárias DESEJAR É TER FOME e ATRAENTE É GOSTOSO são integradas formando a metáfora complexa OBJETO DO DESEJO É COMIDA. Diante disso, com base no informante WL, temos:



Esquema 6: Representação da formação das Metáforas Complexas
(Fonte: Os autores).

Conforme nos apresenta Grady (1997), nas metáforas primárias, há correlação de experiência nos conceitos primários. O domínio fonte indica sensação física e/ou perceptual

e o domínio alvo indica uma resposta particular a essa sensação. Como no caso apresentado: FOME e DESEJO.

Essa base traz relações metafóricas como as apresentadas:





- “*Eu passo aqui na frente de carro ela já fica cum água na boca olhandu pru carro.*” : desejo de ter um carro
- “*O apetite dele é grande mas vou continua0 lá se Deus quise0.*” : desejo de continuar no emprego.

Mas como nos esclarece Ferrari (2011): “as metáforas primárias não decorrem de operações de projeção entre domínios a partir de um Espaço genérico e, portanto, não podem ser caracterizadas como casos de mesclagem conceptual”.

Conclusão

As capacidades cognitivas humanas podem ser explicadas, a partir da interação entre uma série de mecanismos cognitivos responsáveis pelas operações mentais e uma série de contextos sociais, culturais, históricos e intencionais. Somente através desta interação, os seres humanos são o que realmente são.

Em função dessa afirmação, na análise no *corpus* sociolinguístico do VALPB, de uma maneira mais geral, percebemos que, independente da idade, conceitualizamos da mesma maneira os domínios.

O interesse deste trabalho em estudar a base experiencial direta da metáfora primária foi o de buscar explicações para a emergência de todas as metáforas nas experiências corpóreas mais diretas a partir de uma análise detalhada dos dados orais. Por essa razão, os indivíduos pesquisados falaram de *desejo* em termos de *fome*, visto que sempre que se tem fome, experiencia-se o desejo de comer. Assim, pudemos perceber que tais bases experienciais, segundo Grady (1997), são elementos da experiência humana universal, ou seja, experiências sensório motoras, emocionais e cognitivas básicas que não dependem de particularidades culturais.

METAPHORS AND CONCEPTUALIZATIONS IN LEXICON OF SPEAKERS OF PESSOENSE SOCIODIALECTAL VARIETY

Abstract

This paper proposes a sociocognitive analysis of the Brazilian Portuguese variety used by speakers from João Pessoa. It derives from a research whose goal was to





describe the occurrences of conceptual metaphors in the Project Linguistic Variation in Paraíba corpus, aiming at understanding how certain linguistic expressions of this sociodialectal variety instantiate cognitive domains to construct the meanings understood by speakers. The analyses of these occurrences are based on the methodological proposal of the Integrated Theory of Primary Metaphor (Lakoff and Johnson, 1999), according to which, the analyst describes the linguistic expressions presented by the informants in terms of their use of the source and target domains in the metaphoric mapping. We analyzed the production and comprehension of expressions that license four conceptual metaphors (MARRIAGE IS WAR, GOOD IS UP, MIND IS CONTAINER, WISH IS BEING HUNGRY) made by individuals from two different age groups (15-25 years, over 50 years) of both sexes and with different levels of schooling. The comparison between these variables describes the conceptual framework used in the production and comprehension of metaphors by speakers presented in diverse sociolinguistic strata.

Keywords: primary metaphor, cognition, comprehension and production.

Artigo submetido para publicação em: 22-03-2014

Aceito em: 24-07-2014

REFERÊNCIAS:

COULSON S. **Metaphors and Conceptual Blending**. In: Concise Encyclopedia of Pragmatics, 2ed. University of California, San Diego CA, USA, 2006, pp:615 - 621

EVANS, V. & GREEN, M.. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G. & Mark TURNER. Blending as a central process of grammar. In GOLDBERG, A. **Conceptual Structure, Discourse and Language**. Stanford: CSLI Publications, 1996.

FERRARI L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto. 2011



GRADY, Joseph E. **Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes**. 299 p. Dissertation (Ph.D. in Linguistics), University of California, Berkeley, Fall 1997.

HESSEN, J.. **Teoria do conhecimento**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HORA, Dermeval & Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (orgs) **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba**. (Vols I, II, III, IV e V). João Pessoa: Editora Idéia, 2001.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the Flesh, the embodied mind and its challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford, 2002.

LIMA, Paula Lenz C.; FELTES, Heloísa P. de M.; MACEDO, Ana Cristina P. **Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual**. In: MACEDO, Ana Cristina P.; FELTES, Heloísa P. de M.; FARIAS, Emília Maria P. (orgs.). *Cognição e lingüística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: EDIPUCRS/EDUCS, 2008.

MACEDO, Ana Cristina P. **Cognição e Lingüística**. In: MACEDO, Ana Cristina P.; FELTES, Heloísa P. de M.; FARIAS, Emília Maria P. (orgs.). *Cognição e lingüística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: EDIPUCRS/EDUCS, 2008.

NARAYANAN, S. **Embodiment in language understanding: Sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions**. Unpublished PhD dissertation, Department of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.

OLIVEIRA, E.D.S, **A compreensão de metáforas primárias por estudantes de português como língua estrangeira**. Trabalho de Conclusão de Curso, João Pessoa, 2010.





SARDINHA, Tony Beber. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SIQUEIRA, M.; LAMPRECHT, R.R. **As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico**. DELTA [online]. 2007, vol.23, n.2, pp. 245-272.